

adversa, perderei a vossa companhia. Esperai, pois. Alguma coisa me diz (mas não é o amor) que terei pena de vos perder... Poderia guiar-vos, de maneira a que fizesseis a boa escolha; mas seria perjura, e não o quero ser. Assim, vós podereis não me ter; e fazeis que me arrependa de não ter cometido o pecado de ser perjura. Oh! êsses olhos que me perturbaram, dividiram-me em duas metades; *uma que vos pertence, a outra que é vossa*... quero dizer, *que é minha*. Mas se ela me pertence, pertencem-vos igualmente, e assim me possuíis tôda».

Êste exemplo não nos diz apenas que o lapso, o acto falhado, tem um sentido: diz-nos qual é o mecanismo que preside à sua génese.

Portia quer dizer a Bassanio que o ama; porém, o juramento prestado *obriga-a* a calar-se, a *recalcar* a satisfação dêsse desejo, a escondê-lo, a ocultá-lo. Daí a *luta* que se trava no seu íntimo: a luta feroz entre uma *imposição exterior* e um *desejo* intenso que não pode *ser satisfeito*. Que resulta dêste conflito? O desejo vence e é satisfeito no lapso. E aqui, o acto falhado aparece-nos como a explosão duma tendência recalçada.

Claro que a psicanálise não está autorizada a afirmar que êste seja o mecanismo de todos os lapsos. Alguns há a que basta a explicação fisiológica pre-psicanalítica (fadiga, excitação, perturbações circulatórias, etc.); mas na sua maioria, *a condição indispensável dum lapso é o recalçamento da intenção de dizer alguma coisa*.

O que se afirma do mecanismo psíquico do lapso, afirma-se dos outros actos falhados: na base de todo o acto falhado está o mecanismo ignoto e potentíssimo de *recalçamento*.

O *lapsus calami* é em tudo semelhante ao da palavra; mas na *falsa leitura* as coisas já diferem, porque «o que nós temos a ler não é uma emanção da nossa vida psíquica, como as coisas que nos propomos escrever». No lapso, a palavra que o constituiu tem um *conteúdo*, significa alguma coisa em relação à intenção recalçada, e pela análise daquela podemos chegar a esta. Na falsa leitura, a

palavra escrita suscitou a pronúncia deturpada ou uma substituição por semelhança, e é agora nesta que se encontra o conteúdo. A deturpação duma palavra escrita pode ter origem, por exemplo, no desejo de não pronunciar o que está escrito. Conheci um indivíduo a quem sucedia freqüentes vezes ler *rávia* em vez de *raiva*; êsse indivíduo fôra há muito tempo mordido por um cão hidrófobo e sofre ainda hoje o terror da hidrofobia.

O *esquêcimento* dum nome pode ter ainda a mesma explicação, e bem assim o dum projecto. É curioso o exemplo seguinte, de Jung: «M. Y... amava sem reciprocidade uma dama, que veio a desposar M. X... Se bem que M. Y... conhecesse há muito M. X... e se encontre mesmo em relações comerciais com êle, esquece constantemente o seu nome, de tal forma que se vê obrigado a perguntá-lo a outras pessoas todas as vezes que tem de lhe escrever.»

O acto falhado que consiste na *perda* dum objecto é particularmente interessante. A todos os casos é comum a *vontade de perder*, de não ver mais o objecto; «o que difere dum caso para outro é a razão e é o fim da perda. Perde-se um objecto quando está usado, quando se tem a intensão de o substituir por outro melhor, quando deixou de nos agradar, quando o obtivemos duma pessoa com quem cortámos relações ou quando foi adquirido em circunstâncias em que não desejamos pensar.»

A destruição incidental e conscientemente involuntária dum objecto tem também o seu significado. Em quási todos êles, o *primum movens* do seu mecanismo é o desejo oculto de o destruir, para satisfação dum outro desejo ou intensão recalçada no abismo do sub-consciente. «Algumas vezes, procurando os motivos dum acto falhado tão insignificante como é a destruição dum objecto, encontramos-nos em presença de razões que, recuando até uma época afastada da vida dum homem, se ligam ainda à sua situação presente.» (F.)